

Organizadora

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

**Estudos
do Léxico**

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2006

Diretora da Faculdade de Letras

Prof^a Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Vice-Diretora

Prof^a Verônica Benn-Ibler

Comissão Editorial

Eliana Lourenço, Elisa Amorim Vieira, Lúcia
Castello Branco, Maria Cândida Trindade Costa
de Seabra e Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Editoração, revisão de provas e acabamento

Neide Freitas

Endereço para correspondência:

FALE/UFMG – Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025
31270-901. Belo Horizonte /MG
Telefax: (31) 3499-6007
e-mail: relin@letras.ufmg.br
publicacoesonlin@hotmail.com
vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 5

Guimarães Rosa x Odorico Paraguaçu . 7

Heloísa Pereira Vale

A toponímia de Pompéu . 23

Joara Maria de Campos Menezes

**A toponímia de Dores de Guanhões: história
de um povo . 31**

Gilvan Mateus Soares

**Estudo da Toponímia do município de
Crucilândia –M. G. . 47**

Cyntia Elias de Leles Vilaça

Dilene Vilaça Zaidan

Português Brasileiro . 58

Filomeno Issenguel

Apresentação

Nesta última década temos assistido a um florescimento dos estudos em torno do léxico. Acompanhando esse movimento, vimos realizando desde 2001 vários estudos e pesquisas sobre o tema. Desta forma, o que vamos ler nas páginas seguintes é parte do resultado desse trabalho, ou seja, são pesquisas realizadas por alunos da disciplina *Lexicologia*, ministrada por mim, durante o primeiro semestre de 2005.

Esta revista se compõe de cinco estudos. O primeiro, resultado da pesquisa de Heloísa Pereira Vale, investiga a amplitude do fenômeno neológico – fato constante no processo evolutivo das línguas. Com *Guimarães Rosa x Odorico Paraguaçu*, Heloísa se inicia nos estudos lexicográficos de nossa contemporaneidade.

Os capítulos dois, três e quatro têm orientação toponímica. Os estudos toponímicos despertaram grande interesse nesse curso. Joara Maria de Campos Menezes, descendente de Dona Joaquina de Pompéu, assina o segundo artigo, tratando desse tema. Nele, ela examina a *Toponímia de Pompéu*, seus aspectos lingüísticos, culturais e históricos. O terceiro texto apresenta a *Toponímia de Dores de Guanhões*. Gilvan Mateus Soares, dorense, através de entrevistas e leitura de obras referentes à região, consegue, ao descrever topônimos de sua terra, realizar um estudo descritivo, de natureza sócio-cultural. O quarto texto de orientação toponímica é escrito por Cyntia Elias de Leles Vilaça e Dilene Vilaça Zaidan. As autoras tratam da *Toponímia do município de Crucilândia* e chamam a atenção para a significativa influência da igreja na região.

O quinto capítulo apresenta um texto escrito por Filomeno Issenguel, intitulado *Português Brasileiro*. Issenguel examina o léxico africano e constrói um glossário de palavras do Kimbundu, presentes no Português Brasileiro.

Temos, portanto, em mãos, um produto que reflete o interesse de nossos alunos de graduação por uma área que começa a crescer em nossa Faculdade de Letras.

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Guimarães Rosa x Odorico Paraguaçu

Heloísa Pereira Vale

“Uma língua não se fixa nunca. O espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento, e a língua com êle. As coisas são assim. Quando o corpo muda, porque não mudaria o traje? (...) Tôda época tem suas idéias próprias, é preciso que ela tenha também palavras próprias para essas idéias. As línguas são como o mar, oscilam continuamente (...). Que fazer? Isso é fatal. É pois, inútil querer petrificar a instável fisionomia de nosso idioma sob uma forma dada. É em vão que os nossos Josués literários ordenam a língua deter-se; nem as línguas nem o sol não param nunca.” VICTOR HUGO Pref. de *Cromwell*

Preâmbulo

Investigar uma língua é examinar a cultura de seus falantes, dado que o sistema lingüístico é um espelho das aquisições culturais de um povo. Tal perspectiva possibilita uma compreensão do próprio homem e da sua representação de mundo.

Justificativa

A incorporação de unidades lexicais neológicas sempre se revelou uma constante no processo evolutivo dos idiomas. A importância atribuída ao fenômeno neológico é revelada pelos estudos afetos ao tema, especialmente a partir do século passado, estando assente que um novo vocábulo passa a ser aceito como elemento da língua uma vez que se torna apto a expressar os valores de um grupo e satisfazer as suas necessidades de comunicação.

Quando se faz necessário nomear um objeto ou uma idéia, e um novo termo é criado, ou um termo já existente passa a ser empregado com novo significado, surge o neologismo, inovação lingüística sob a forma lexical (significante novo associado a conceito novo, significante novo e conceito já existente, ou significante já existente e conceito novo) ou sintática (novas expressões criadas na própria língua

ou importadas), além dos estrangeirismos (o processo de globalização, tão exaltado no momento, faz com que a influência estrangeira seja sensível não só na terminologia técnica como nas relações interpessoais).

Os neologismos freqüentemente se constroem com auxílio dos mecanismos usuais de produção lexical, como a composição (justaposição, aglutinação, prefixação) e a derivação, geralmente por sufixação.

Com base na importância e atualidade do tema foi elaborado o presente trabalho, calcado outrossim na certeza de que dicionários e glossários consistem eles próprios em verdadeiros fenômenos lingüísticos, devendo, pois, ser compreendidos em toda a complexidade que essa condição lhes impõe, e não como meros produtos da aplicação de métodos lexicográficos. Dicionários são não apenas fonte de referência e informação, mas sobretudo memória social.

Objetivos

a) Elaborar um glossário do texto *Guimarães Rosa x Odorico Paraguaçu*, integrante da obra *What língua is esta?: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos*, do jornalista e escritor mineiro Sérgio Rodrigues, como pequena amostra do processo de “renovação lexical” por que passa nosso idioma, do qual não somos meros espectadores, mas partícipes.

b) Caracterizar cada verbete do glossário da maneira mais completa possível, valendo-se do *Roteiro para avaliação de dicionários e de glossários científicos e técnicos* que embasou trabalhos prévios desenvolvidos durante o curso da disciplina de Lexicologia, todavia sem a pretensão de fazê-lo de maneira exaustiva, pois não se pode perder de vista as limitações a que um trabalho desta natureza está sujeito.

Metodologia

A escolha do texto objeto do presente trabalho não foi tarefa fácil, dadas as inúmeras opções oferecidas pelo autor em sua

coletânea de crônicas e artigos repletos de “estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos”, conforme sinaliza o próprio subtítulo da obra.

Uma vez selecionado o texto *Guimarães Rosa x Odorico Paraguaçu*, foi feita a identificação dos neologismos ali presentes, obtendo-se um *corpus* composto de 14 substantivos (dentre os quais uma locução substantiva), 3 adjetivos, 7 verbos, 2 advérbios e 1 interjeição, num total de 27 entradas categorizadas nos campos lexicais assim especificados no glossário: política, empresarial, sensorial, produtos de higiene, economia, literatura, biogeografia, cultural, comportamental, fenômenos naturais, biologia, zoologia, herpetologia, profissional e tonalidades.

Os 27 verbetes foram arrolados na ordem em que aparecem no texto, obedecendo-se à seguinte sistematização: entrada; divisão silábica; língua de origem (estrangeirismos); indicação de pronúncia (estrangeirismos); categoria gramatical; gênero; número; campo lexical/área ou subárea de especialidade; definição; variante(s) da definição; sinonímia; marca(s) de uso; contexto (exemplo ou abonação); fontes; formação e etimologia; notas.

A presença de cada uma das referidas categorias condicionou-se à disponibilidade de fontes e, evidentemente, à possibilidade de sua existência em cada verbete.

O texto

Só a falta de informação sobre o funcionamento das línguas pode levar alguém a ser contra todos os neologismos, isto é, todas as palavras novas, geralmente forjadas com pedaços de outras, que os dicionários ainda não tiveram tempo de registrar. Sem o substantivo “telefone” e o verbo “telefonar”, novidades em seu tempo, talvez estivéssemos até hoje falando em “aparelhos de comunicação oral à distância” ou coisa parecida. A palavra nova surge para expressar uma de duas coisas: um fato novo ou o aspecto novo de um fato velho. O século XX foi rico em neologismos, com os avanços

técnicos, científicos e sociais forçando a linguagem a correr para não perder o bonde – e depois o ônibus, o metrô, o supersônico – da história.

Em outras palavras: uma língua que não produz neologismo, satisfazendo-se hoje com o vocabulário de ontem, é uma língua morta. O latim, por exemplo. Isso não quer dizer que uma língua que cria neologismos a torto e a direito seja mais viva do que as outras, mais saudável. Parece claro que há uma medida de bom senso – por mais que ela seja difícil de fixar, dependendo do gosto do falante – além da qual a criatividade vocabular está a serviço da mistificação, do pernosticismo e da ignorância. Ultrapassada a fronteira, Guimarães Rosa vira Odorico Paraguaçu.

Um dia critiquei a palavra “consensuado”, pronunciada num debate pelo então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, e o “oportunizar” que encontrei no anúncio de um curso de pós-graduação em “empreendedorismo”. Fui repreendido por dois professores de português de Juiz de Fora, gente habituada ao *laissez-faire* lingüístico que vigora em nossos departamentos de Letras. Diziam eles que, morfologicamente, aquelas palavras eram perfeitas. Hmm, será? Não importa. Ainda que fossem inatacáveis em sua formação, a crítica continuaria de pé. Isso porque é uma crítica cultural.

Muitas vezes, o que parece ser uma lacuna que justifica a criação de uma palavra é apenas a falta de intimidade do criador com os recursos que a tradição da língua oferece – no fim das contas, um problema educacional. Outras vezes é mistificação mesmo, como fica claro no substantivo “refrescância”, que os publicitários cunharam em substituição a “frescor” para vender mais tubos da pasta de dente Kolynos. Não existia “refrescância” em português. Agora existe, mas a única lógica que presidiu seu nascimento foi a comercial.

Há algum tempo, o colunista Elio Gaspari tocou nesse assunto, manifestando o temor de que “Lula anuncie seu desejo de desenvolvimentar a economia, patamarizando o

dólar". Certos cabeções do PT têm mesmo cometido o pecado de "falar difícil", não se sabe se devido a seus próprios vícios ou por conta do desejo de dialogar com os neoliberais no idioma deles, o dialeto dos formados em Business Administration. Não devem ter se dado conta de que o estilo Odorico tem um pé na enganação. É primo da hipercorreção dos que fazem de seu domínio lingüístico "extraordinário" um espetáculo de mesmerização coletiva, como Enéas e, antes dele, Jânio Quadros. Talvez em busca de uma cosmopolitização que gradualizadamente credulize a todos, os neologistas radicais podem terminalizar transformacionando o português sadio que nós amamos numa língua imexivelmente obsoletizada.

E tudo sem desrespeitar a morfologia.

Alto lá: nada disso quer dizer que condeno a manipulação lúdica de prefixos, sufixos e radicais com o intuito de explorar sentidos novos. Para provar, seguem alguns exemplos de palavras que ganham em frescor (ou refrescância?) ou adquirem conotações subversivas pela simples troca de um elemento, sem a necessidade de adjetivos. São os neologismos poéticos, improvisados, sem pretensão de permanência, que estão ao alcance de qualquer um.

Quando a chuarada vira *chuaréu*, um pouco do poder destruidor e paradoxal de um fogaréu a contamina. Se engolir sapos pode ser um exercício de *bufofagia*, como se chama o ato de *desengoli-los*? O sindicalista tachado de *sindicaleiro* se ofende, e com razão, assim como o democrata que vira *democratista* ou, pior, *democrateiro*. Reação bem diferente terá o carteiro que, de tão bom, se vir promovido a *cartólogo*, isso se não desconfiar de ironia.

Ninguém precisa consultar o dicionário – mesmo porque nada encontrará – para saber como reagir diante dessas palavras "inexistentes". Todo mundo sabe que a branquidão e a *branqueza* nunca têm exatamente o mesmo tom.

Do lado de cá da fronteira que separa Rosa de Odorico, há espaço de sobra para o pessoal brincar.

Glossário

con.sen.su.a.do – adj. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: política. Relativo a consenso; em que há consenso; que envolve consenso; que depende de consenso; consensual; consensial. Ex.: contrato consensuado; ajuste consensuado – FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (adjetivo formado de substantivo): *consensu-* + sufixo *-ado* (sentido: que tem o caráter de); do francês *consensuel* (1838): "que decorre de consenso ou de cooperação"; derivação do radical do latim *consensus*: "acordo" (com manutenção da vogal *-u-* do tema) + sufixo *-el*.

o.por.tu.ni.zar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: empresarial. 1. permitir que se realize; dar margem ao surgimento de. Ex.: *A festa vai promover o congraçamento entre todos os funcionários da Seduc, oportunizando um clima de compreensão cada vez maior.* (*Jornal do Comércio*, Recife, 06.03.81. Recortes.); *Enfim, o fracasso da Reunião de Colônia oportuniza duas leituras.* (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 01.01.79; CD-ROM 1994/95.) 2. (pronominal) surgir oportunamente. Ex.: *A economia brasileira apresentada na "bacia das almas" oportuniza-se como o paraíso dos compradores.* (*Folha de São Paulo*, São Paulo, 01.01.79; CD-ROM 1994/95.). FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (verbo formado de adjetivo): do latim *opportunus*, "que leva em direção ao porto (falando-se de vento ou onda)", daí "conveniente, cômodo"; de *ob-* "para diante" + *Portunus*, "deus dos portos" + sufixo *-izar* (sentido factitivo)

em.pre.en.de.do.ris.mo – subst. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: empresarial. Curso de nível universitário que reúne no currículo conhecimentos gerais sobre os princípios e práticas administrativas; administração de empresas; gestão de negócios. Ex.: *É recente a criação do curso de empreendedorismo na*

faculdade. FORMAÇÃO: derivação por sufixação (substantivo formado de substantivo/adjetivo): empreendido + sufixo *-or* com a retomada da vogal temática *-e-* + sufixo *-ismo* (sentido de sistema filosófico)

lais.sez-faire – LÍNGUA DE ORIGEM: Francês. INDICAÇÃO DE PRONÚNCIA:/leselfeqweer/ substantivo masculino singular. CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: economia, cultural princípio de não-intervenção nos negócios alheios; atitude que consiste em não intervir; neutralidade. EX.: *Fundamentado no laissez-faire, [...] tinha como objetivo assegurar a vitória burguesa. (História geral. I e II. MARONI. G. T. São Paulo, Anglo, 1985. Livro-texto, n. 8 e 9.)*. FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: composição por justaposição (verbo + verbo): do francês *laisser* “deixar” + *faire* “fazer”; *laisser-faire* (1843) “deixar que forças ou fatores econômicos ou políticos ocorram sem interferências” (*laissez*: conjugação do verbo no imperativo, 2. pessoa do plural)

hmmm – interjeição – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: sensorial. Expressão de dúvida, receio, inquietação, reticência. Ex.: *Hmmm, duvido que ele venha...* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: vocábulo expressivo; variável de “hum”

re.fres.cân.cia – subst. fem. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: sensorial. sensação de frescor. Ex.: *Refrescância e proteção. É esse o binômio que orienta toda a comunicação da Kolynos. (Folha de São Paulo, São Paulo, 01.01.79; CD-ROM 1994/95.)* FORMAÇÃO: derivação por sufixação (substantivo formado de verbo): refrescar + sufixo *-ância* (sentido de estado).

Ko.ly.nos subst. próprio masc. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: produtos de higiene. Marca de creme dental. Ex.: *Creme dental Kolynos pode voltar ao mercado. (<http://www.odontologia.com.br/noticias.asp?id=103&idesp=8&ler=s>; acesso em 20 jun. 2005.)*

de.sen.vol.vi.men.tar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: economia. Fazer aumentar ou aumentar a capacidade ou possibilidade de; conduzir ou caminhar para um estágio mais avançado ou eficaz; fazer progredir ou progredir; promover o desenvolvimento; desenvolver. Ex.: *Certos setores da indústria se desenvolveram menos que outros; desenvolver um país, uma empresa*. FORMAÇÃO: derivação por sufixação (verbo formado de substantivo): desenvolvimento + sufixo *-entar* (sentido factitivo).

pa.ta.ma.ri.zar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: economia. Situar em nível destacado entre os mais altos. Ex.: *patamarizar uma moeda estrangeira*. FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (verbo formado de substantivo): patamar + sufixo *-izar* (sentido factitivo); “patamar”: origem obscura.

ca.be.coes – subst. masc. plural – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: política. Líderes; pessoas proeminentes em um grupo. Ex.: *Os cabeções de um partido político*. FORMAÇÃO: derivação por sufixação: cabeça + sufixo *-ão* (aumentativo).

Busi.ness Ad.min.is.tra.tion – LÍNGUA DE ORIGEM: Inglês. INDICAÇÃO DE PRONÚNCIA:/'biznis admin'strei san/locução substantiva administração de empresas. Ex.: *Dizem terem se formado em Business Administration, não em Administração de Empresas*. CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: empresarial. FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: composição por justaposição (substantivo + substantivo); do inglês *business* (1826): “atividade, negócio, transação comercial” + *administration*: “administração”; trata-se de tradução literal do inglês para o português

O.do.ri.co – adj. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: literatura. Estilo de se fazer política caracterizado por truculência e falta de escrúpulo. Ex.: *A decisão deixou os secretários que ainda continuam na*

Prefeitura estupefatos e a sociedade local estarrecida pelos atos no estilo Odorico Paraguaçu. (<http://an.uol.com.br/2002/set/25/0alc.htm>; acesso em 20 jun. 2005.). ETIMOLOGIA: Em 1973, o dramaturgo Dias Gomes chamou a atenção do país com a novela *O Bem Amado*, ao criar um típico personagem da elite interiorana do Brasil, Odorico Paraguaçu, um “coronel atrasado” que explorava o pequeno município de Sucupira. De aparência simpática e afável, Odorico era truculento e inescrupuloso quando a questão era se manter no poder. Em Sucupira, os membros da família Paraguaçu, vivos ou mortos, davam nomes às ruas, praças, aos monumentos e prédios públicos. O personagem de Dias Gomes era uma crítica explícita às velhas oligarquias brasileiras, nascidas antes mesmo da República, conservando-se até os dias de hoje o chamado “estilo Odorico” como alusão a esta maneira de se fazer política no país. (<http://www.adersonlago.com.br/aluta/10/aluta10.htm>; acesso em 20 jun. 2005.).

cos.mo.po.li.ti.za.ção – subst. fem. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: biogeografia. Distribuição geral das espécies pelas várias regiões do globo terrestre. Ex.: *Os zoólogos sabem normalmente como evitar essa cosmopolitização mundial.* (*O que é zoologia.* FRANCIS, D. P. & MARIA, D. S. A. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1989. Coleção Primeiros Passos, v. 154.). FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de verbo): cosmopolitizar (do grego *kosmopolítés*, “cidadão do mundo”) + sufixo *-ção* (sentido de processo ou resultado de uma ação).

gra.du.a.li.za.da.men.te – advérbio de modo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: comportamental. Que se processa por graus; por desenvolvimento gradativo; gradativamente; gradualmente. Ex.: *China flexibilizará moeda gradualizadamente.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: composição por sufixação (advérbio formado de adjetivo); do latim medieval *graduale*, pelo latim tardio *gradualis* + sufixo *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens*, “a mente, o espírito, o intento”

(com o sentido de “intenção” e, depois, com o de maneira, passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo); proviria do adjetivo “gradualizado”, forma neológica de “gradual”.

cre.du.li.zar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: comportamental. Tornar crédulo; fazer crer. Ex.: *Objetivava credulizar os presentes com sua eloquência.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (verbo formado de adjetivo): crédulo (do latim *credulus*, “que dá crédito, que crê ou confia facilmente”) + sufixo *-izar* (sentido factitivo).

ter.mi.na.li.zar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: comportamental. Ter como desenlace; acaba. Ex.: *Pretende terminalizar promovendo uma mudança de rumo.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (verbo formado de adjetivo): terminal (do latim *terminalis*, “que indica os limites, final, que indica o ponto extremo”, derivado de *terminus*, “limite, fim, extremidade, ponto extremo”, conexo com o grego *térma*, “fim, limite, extremidade”) + sufixo *-izar* (sentido factitivo)

trans.for.ma.cio.nar – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: comportamental. Fazer passar de um estado ou condição a outro; fazer tomar nova feição ou caráter; alterar; modificar; transformar. Ex.: *A medida busca transformacionar o quadro de miséria pela mera tomada de consciência.* FORMAÇÃO: derivação por sufixação (verbo formado de adjetivo): transformacional, “referente a transformação” + sufixo *-ar*

i.me.xi.vel.men.te – advérbio de modo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: comportamental. De maneira que não se pode mexer; de modo inalterável. Ex.: *Uma bela obra imexivelmente acolhida pelo público.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por prefixação e sufixação: *i-* (prefixo de origem latina, sentido de negação) + *mexível* (que pode ser mexido) + *-mente* (sufixo oriundo do substantivo latino *mens*,

"a mente, o espírito, o intento", com o sentido de "intenção" e, depois, com o de maneira, aglutinando-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo). **Imexível**: "em que não se pode mexer, inalterável". O dicionário Houaiss informa que o termo foi criado em 1990. Não diz, porém, que seu autor foi Antônio Rogério Magri, ministro do Trabalho do governo Collor. O filólogo Antônio Houaiss foi, em vida, ardente defensor da correção do termo que fez de Magri motivo de risadas. (<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=64>; acesso em 21 jun. 2005.).

ob.so.le.ti.za.da – adj. fem. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: cultural. 1. superada por conhecimento ou tecnologia mais recente; ultrapassada; arcaica. Ex.: *A maquinaria obsoletizada não se insere no ideal de crescimento.* 2. retrógrada, conservadora. Ex.: *metodologia obsoletizada por não atender às normas recentemente instituída.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (adjetivo formado de adjetivo): obsoleto (do latim *obsoletus*, "deteriorado, estragado com o tempo, velho, usado, roçado; caído em desuso; esquecido, desprezado") + sufixo *-izada* (sentido factitivo).

chu.va.réu – subst. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: fenômenos naturais. chuva abundante e forte; chuarada. Ex.: *Esperávamos que viessem mais pessoas, mas talvez a ameaça de um chuaréu tenha deixado grande parte delas em casa. Aqui em São Paulo está um chuaréu.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de substantivo): chuva (do latim *pluvia*; forma histórica século XIII *chovia*, século XIII *chuvha*, século XIV *chuva*, século XIV *chujua*, século XIV *chuiva*, século XIV *chuvea*) + sufixo *-aréu* (de origem obscura; analogia com "fogaréu"; sentido aumentativo)

bu.fo.fa.gi.a – subst. fem. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: biologia/zoologia/herpetologia. comer ou "engolir sapos" (sentido figurado: tolerar coisas ou

situações desagradáveis sem responder, por incapacidade ou conveniência). Ex.: *Submete-se ao que diz em um verdadeiro exercício diário de bufofagia, pois dele depende para sobreviver.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: composição por justaposição (hibridismo): do latim *bufo* (designação comum aos anfíbios anuros do gênero *Bufo*, da família dos bufonídeos, vulgarmente conhecidos como sapos, adotada no latim científico do século XVIII como termo genérico, com derivações na terminologia científica do século XIX em diante: *bufogenina*, *bufonídeo*, *bufonina*, *bufonite*, *bufonóide*, *bufotalina*, *bufotalínico*, *bufoteína*, *bufoteínico*, *bufotenina*, *bufotenínico*, *bufotoxina*) + radical grego *-fagia* (ato de comer; elemento de composição pospositivo, do grego *-phagos*, de *phagēin*, + sufixo *-ia*, formador de substantivos abstratos, em compostos gregos, já formados analogicamente a partir do Renascimento: *acridofagia*, *afagia*, *androfagia*, *antropofagia*, *autofagia*, *bacteriofagia*, *creofagia*, *disfagia*, *hipofagia*, *homofagia*, *necrofagia*, *opiofagia*, *polifagia*, *sialofagia*, *zoofagia* etc.)

de.sen.go.lir – verbo – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: biologia. Pôr para fora o que se engolira; bolçar; vomitar (sentido figurado: não ser forçado a aturar; não tolerar; proferir palavra ou frase etc. sem se reprimir). Ex.: *O freguês tem caminho que não é brinquedo para engolir e desengolir.* (*Roteiro da agonia*. MIRANDA, M. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.). FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por prefixação: *des-* (prefixo de origem latina, sentido de ação contrária) + engolir (provavelmente do latim vulgar *ingullare*).

sin.di.ca.lei.ro – subst. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: política/economia/profissional. Partidário do sindicalismo; sindicalista (depreciativo). Ex.: *Para os sindicaleiros a cultura brasileira que vá às favas.* (*Revista Veja*. São Paulo, abr. 1979.) FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de adjetivo): sindical (*síndico* + *-al*, provavelmente

por influência do francês *syndical*, “relativo a um sindicato”) + sufixo *-eiro* (sentido de “ocupação, ofício”).

de.mo.cra.tis.ta – subst. de dois gêneros sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: política. Que ou o que pertence à democracia ou professa seus princípios; inclinado à democracia; democrata; democrateiro (depreciativo). Ex.: *A sociedade já se cansou desses democratistas desesperados.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de substantivo): democrata (do francês *démocrate*, derivado do francês *démocratie*, no padrão de derivação dos vocábulos gregos em *-krátés*; *dem(o)-*: elemento de composição antepositivo, do grego *demos*, ou “povo, demo”; *-crata*: elemento de composição pospositivo, do grego *démokratés*, “democrata”, isto é, “partidário do poder popular ou investido do poder popular”) + sufixo *-ista* (sentido de “partidário ou sectário de doutrina ou sistema”).

de.mo.cra.tei.ro – subst. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: política. Que ou o que pertence à democracia ou professa seus princípios; inclinado à democracia; democrata; democratista (depreciativo). Ex.: *Percebe-se claramente a diferença entre a postura do democrata e a do democrateiro.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de substantivo): democrata (do francês *démocrate*, derivado do francês *démocratie*, no padrão de derivação dos vocábulos gregos em *-krátés*; *dem(o)-*: elemento de composição antepositivo, do grego *demos*, ou “povo, demo”; *-crata*: elemento de composição pospositivo, do grego *démokratés*, “democrata”, isto é, “partidário do poder popular ou investido do poder popular”) + sufixo *-eiro* (sentido de “ocupação, ofício”).

car.tó.lo.go – subst. masc. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: profissional. Mensageiro de empresa postal, encarregado de distribuir cartas e outras

correspondências; carteiro. Ex.: *carteiro ou cartólogo, uma bela profissão.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de substantivo): carta (do latim *charta* ou *carta*, “folha de papiro preparada para receber a escrita”, “folha de papel”, empréstimo antigo e latinizado do grego *khártés*, ou “folha de papiro ou de papel”, por extensão, “escrita, obra”) + sufixo *-logo* (elemento de composição pospositivo, do grego *lógos*, ou “linguagem”, na medida em que serve para enunciar um julgamento: “o que estuda, conhece, é especialista em: *astrólogo, biólogo, cardiólogo, hagiólogo, psicólogo*”).

bran.que.za – subst. fem. sing. – CAMPO LEXICAL/ÁREA OU SUBÁREA DE ESPECIALIDADE: tonalidades. Qualidade do que é branco; brancor; branquidade; branquidão; brancura. Ex.: *Uma branqueza de inverno parisiense; véu de branqueza pura.* FORMAÇÃO E ETIMOLOGIA: derivação por sufixação (substantivo formado de adjetivo): branco (elemento de composição antepositivo, do germânico *blank*, “claro, brilhante”, que substituiu o latim *albus*, “branco, claro, brilhante”; ocorre no vernáculo desde o século XIII: *abrançado, abrançar, abranquecer, abranquecido, abranquecimento; branca, brancacento, brancaço, brancagem, brancal, branco, brancarana, brancarano, brancarão, brancaria, branca-ursina, brancaciona, branco* (e vários compostos com *branco-*), *brancor, brancoso* “muito branco”, *brancura, branqueação, branqueado, branquealidade, branqueamento, branquear, branquearia, branqueável, branqueio, branqueira, branqueiro, branquejabilidade, branquejação, branquejado, branquejador, branquejadura, branquejamento, branquejante, branquejar, branquejável, branquelo, branqueta; embrançar, embranquecido, embranquecimento; esbranquecer, esbranquecido, esbranquecimento, esbranquiçado, esbranquiçamento, esbranquiçar*) + sufixo *-eza* (sentido de “qualidade, propriedade ou estado”).

Conclusão

Apesar da exigüidade do *corpus* apresentado – apenas 27 termos –, é possível se ter uma idéia da amplitude do fenômeno neológico experimentado no cotidiano de uma sociedade – não só a nossa, frise-se bem –, nos mais diversos campos do conhecimento e nas relações interpessoais. Esta dinâmica se dá de maneira irrefreável, necessária, devendo ser compreendida como parte do processo de evolução de toda e qualquer língua. O falar e o escrever jamais fez ou fará parte de um universo estanque, hermético ou “imexível”.

No mesmo diapasão, a mestria de José de Alencar:

Não é obrigando-a a estacionar que hão de manter e polir as qualidades que porventura ornem uma língua qualquer; mas sim fazendo que acompanhe o progresso das idéias e se molde às tendências do espírito, sem contudo perverter a sua índole e abastardar-se.

Criar termos necessários para exprimir os inventos recentes, assimilar-se aqueles que, embora oriundos de línguas diversas, sejam indispensáveis, e sobretudo explorar as próprias antes, veios preciosos onde talvez ficaram esquecidas muitas pedras finas, essa é a missão das línguas cultas e seu verdadeiro classicismo.

Terminologia: questões teóricas, métodos e projetos. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. p. 234 - 235.

GADSBY, Adam (Dir. Editorial). *Longman dictionary of contemporary English*. 3. ed. Basingstoke: Longman Dictionaries, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales; FRANCO, Francisco Manoel de Mello (Dir. Equipe Editorial). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM. Windows XP.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. v. 2.

LÍNGUA Portuguesa e Lingüística – Home Page – Prof. Paulo Hernandes. Disponível em: <<http://www.paulohernandes.pro.br/glossario/n/neologismo.html>>. Acesso em: 09 jun. 2005.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Como elaborar trabalhos acadêmicos*. 4. ed. rev. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2005.

RODRIGUES, Sérgio. *What língua is esta?: estrangeirismos, neologismos, lulismos e outros modismos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

Referências

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. 1. ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. rev. 10. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FAULSTICH, Enilde. *Roteiro para avaliação de dicionários e de glossários científicos e técnicos*. In: MATEUS, M. H.; CORREIA, M. (Coord.).

A toponímia de Pompéu

Joara Maria de Campos Menezes

Introdução

O presente trabalho teve como foco classificar os bairros da cidade de Pompéu de acordo com as taxonomias toponímicas apontadas por DICK (1990) e utilizadas por SEABRA (2004). Além da classificação dos bairros, também se pesquisou a origem do nome Pompéu e o contexto histórico da época de sua criação.

O principal objetivo desse trabalho é poder relacionar a toponímia da cidade aos seus aspectos culturais e históricos. Com certeza, não há ainda dados suficientes para se chegar a uma conclusão mais definitiva, mas desde já fica registrado o intuito de continuar pesquisando e coletando dados para, até mesmo, desenvolver uma pesquisa que possa abordar toda toponímia da cidade incluindo a zona rural e urbana.

O estudo dos nomes de lugar é muito relevante, pois é capaz de mostrar se naquela região em análise houve uma dominação maior de fenômenos antropoculturais ou físicos. Os nomes, quando são mantidos, fazem parte da história da cidade que o tempo não consegue apagar.

A cidade em questão tem muitas informações interessantes que ficaram guardadas junto com os nomes de suas fazendas, ruas, bairros, morros e povoados. Alguns desses dados já foram levantados e serão citados ao logo do desenvolvimento desse trabalho.

O dicionário utilizado para mostrar as entradas lexicais de "Pompéu" foi o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado. Para a composição do trabalho também foram coletadas informações que estão presentes no livro *Dona Joaquina de Pompéu*, cujo principal colaborador é o Sr. Gilson Dias Maciel (um dos informantes) e na revista *Vida Industrial* (v.39, n.11 de novembro de 1992).

Na primeira parte do trabalho faremos um breve apanhado da história da cidade e posteriormente será mostrada a ficha com a classificação do topônimo "Pompéu". Em uma segunda parte iremos apresentar a distribuição da taxonomia dos bairros de acordo com a porcentagem em que aparecem. Em alguns casos a escolha da taxonomia será justificada. Por último levantaremos conclusões acerca do que foi analisado.

Informações históricas

Em 1º de janeiro de 1939 o antigo arraial "Buriti da Estrada" – nome inspirado na grande quantidade de buritis (palmeiras) encontrados na região – foi elevado a município, com o topônimo Pompéu. Localizada na região do Alto São Francisco, centro-oeste do Estado de Minas Gerais – a 164km de Belo Horizonte, a cidade tem muitas histórias a serem contadas que foram guardadas desde antes da época de Dona Joaquina Bernarda da Silva de Abreu Castelo Branco Souto Mayor, a Dona Joaquina do Pompéu ou Sinhá Braba como era chamada.

Apesar de ter nascido em Mariana – MG, Dona Joaquina e seu marido, Capitão Ignácio de Oliveira Campos, após o casamento compraram a Fazenda do Pompeo (grafia antiga de Pompéu) e se mudaram para o local em 1792.

O nome Pompéu homenageou o primeiro habitante do local, o bandeirante Antônio Pompéu Taques, que requereu essas terras em sesmaria no ano de 1723. De Antônio Pompéu Taques até Dona Joaquina, a localidade, onde hoje está situada a cidade de Pompéu, pertenceu a várias pessoas. A cidade teve início com um arraial que se formou acerca de 20 quilômetros da sede da Fazenda Pompéu Velho, construída por Dona Joaquina. Esse arraial foi elevado a distrito com o nome de Buriti da Estrada em 1841. Em 1844 é citado como o distrito de Pompéu. No entanto, o nome Buriti da Estrada foi mantido por muito tempo até que um plebiscito o substituiu definitivamente por Pompéu. Apenas em 7 de setembro de

1923 é que houve uma lei determinando que se unificassem as denominações para distrito de Pompéu.

Ficha do Topônimo “Pompéu”

Localização/Município	Pompéu, município de Minas Gerais, localizado na região do Alto São Francisco (centro-oeste do estado).
Topônimo	Pompeu
A. G	Cidade (físico/humano).
Taxonomia	Antropotopônimo
Etimologia	sobrenome de família Portuguesa com origem latina.
Entrada Lexical	“Pompeu ¹ , m. (Tel., s.v. Moreno). Do lat. Pompêiu-, nome de gens, ligado a diversas personalidades romanas, sobretudo Pompeu o Grande, rival de César; como se verifica, a melhor forma port. seria Pompeio (...) que não conseguiu divulgação...”. “Pompeu ² , top. No Brasil: Minas Gerais, de Pompeu ¹ ”. (Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa – autor José Pedro Machado).
Estrutura Morfológica	Nome (substantivo, singular), sobrenome de família.
Histórico	Pompeu<Pompeu<Pompeo<Antônio Pompeo Taques.
Informações Enciclopédicas	“Suas terras ficaram, pois, abandonadas e Antônio Pompeo Taques as requereu em sesmaria, o que obteve no ano de 1723. Antônio Pompeo Taques era, também, bandeirante paulista [...]”. (trecho retirado do livro: Dona Joaquina de Pompéu).
Contexto	“Buriti da Estrada de primeiro era um

	arraial. Depois passou todo mundo a falar: Eu vou no Buriti. E depois que passou a cidade foi Pompéu e até hoje é Pompéu e lá vai pra aí afora”. (trecho da entrevista com o informante Sr. Francisco Maria de Vasconcelos).
Fonte	Sr Francisco Maria de Vasconcelos (informante com mais de 70 anos) e Sr Gilson Dias Maciel (colaborador do livro Dona Joaquina de Pompéu).
Pesquisadora	Joara Maria de Campos Menezes

Classificação dos bairros de Pompéu apontados no mapa do centro urbano

Ao todo há, atualmente, na cidade de Pompéu 26 bairros distribuídos da seguinte forma, de acordo com a taxonomia sugerida por DICK (1990): 8 hagiotoipônimos (nomes de santos), 4 hierotoipônimos (nomes com origem religiosa), 5 geomorfotoipônimos (nomes que representam o relevo), 5 animotoipônimos (nomes cuja motivação toponímica abrange áreas do psiquismo humano), 2 morfotoipônimos (nomes que lembram as formas geométricas), 1 antropotoipônimo (nomes de lugares constituídos a partir de prenomes, apelidos de família, etc.) e 1 hidrototoipônimo (nomes que têm sua inspiração na água e nos cursos d’água).

- Santo Antônio – Hagiotoipônimo
- Nossa Senhora de Fátima – Hagiotoipônimo
- Nossa Senhora da Piedade – Hagiotoipônimo
- Nossa Senhora de Lourdes – Hagiotoipônimo
- Nossa Senhora Aparecida – Hagiotoipônimo
- São José – Hagiotoipônimo
- São Francisco – Hagiotoipônimo
- Nossa Senhora da Conceição – Hagiotoipônimo
- Santa Cruz – Hierotoipônimo
- Dos cristos – Hierotoipônimo
- Paraíso – Hierotoipônimo

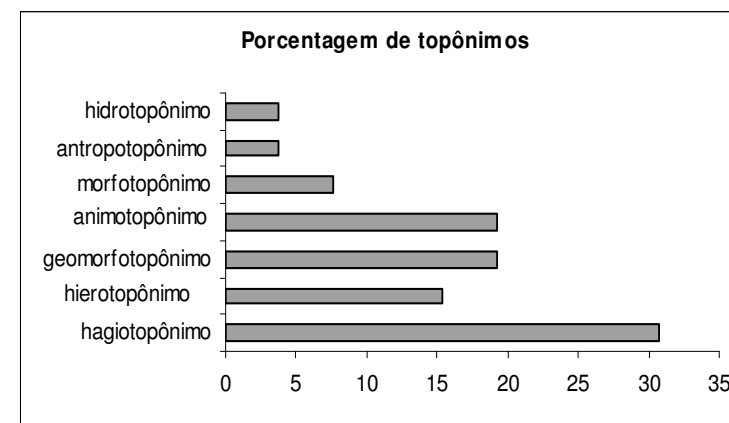
- Cruz das Almas – Hierotopônimo
- Morro Doce - Geomorfotopônimo
- Ilha - Geomorfotopônimo
- Várzea das Flores – Geomorfotopônimo
- Várzea do Galinheiro – Geomorfotopônimo
- Volta do Brejo – Geomorfotopônimo
- Boa Vista – Animotopônimo
- Parque Cidade Jardim – Fitotopônimo ou Animotopônimo
- Segredo – Animotopônimo
- Vitória – Animotopônimo
- Belvedere - Animotopônimo
- Centro – Morfotopônimo
- Trevo - Morfotopônimo
- Aritana - Antropotopônimo
- Aguada dos Pintos - Hidrotopônimo
- Várzea do Boi – Geomorfotopônimo - não conserva mais esse nome – atualmente ele tem o nome de São José que já foi classificado anteriormente.

É necessário justificar algumas das classificações utilizadas como, por exemplo, o bairro Aguada dos Pintos. Esse nome foi classificado como um hidrotopônimo, pois DICK (1990) mostra que o ideal é dar ênfase ao primeiro nome “Aguada” - no caso dos nomes compostos. Esta não é uma boa classificação para esse bairro porque, apesar de indicar local onde há água, o lugar também está relacionado ao apelido – Pinto - que o sobrenome da família dona do local ganhou. Neste caso o nome deveria ter duas classificações com o mesmo peso: Hidrotopônimo e Antropotopônimo. Esta é uma deficiência da classificação utilizada.

Outro topônimo, cuja taxonomia deve ser justificada, é Parque Cidade Jardim. Não foi encontrado para esse bairro nenhuma classificação em que pudesse se enquadrar. Por isso, não chegamos a uma conclusão se ele seria um Animotopônimo ou um Fitotopônimo. Ao lançar seus dados no gráfico, ele figurou nos bairros que foram classificados como

animotopônimos. Se considerarmos que este é um topônimo de natureza física, relacionado ao meio ambiente, ele seria um fitotopônimo. No entanto, se considerarmos que é um topônimo de natureza antropocultural com motivação toponímica que abrange áreas do psiquismo humano, indo além do meio físico, ela se enquadra na categoria de animotopônimo. O que se sabe a respeito do lugar é que este é o bairro mais novo da cidade e, provavelmente, seu nome não está relacionado às características físicas do lugar.

Gráfico com a distribuição dos bairros da cidade de Pompéu de acordo com sua taxonomia



Dados utilizados: 8 hagiopônimos (30,7%), 4 hierotopônimos (15,3%), 5 geomorfotopônimos (19,2%), 5 animotopônimos (19,2%), 2 morfotopônimos (7,6%), 1 antropotopônimo (3,8%) e 1 hidrotopônimo (3,8%).

Conclusões

A respeito da pesquisa desenvolvida podemos apontar algumas conclusões relacionadas aos nomes de bairros. São 26 bairros onde há uma abrangência de taxonomias de natureza antropocultural (8 hagiopônimos, 4 hierotopônimos, 5 animotopônimos, 1 antropotopônimo,

totalizando 18 bairros). Os topônimos de natureza física são minoria: (5 geomorfotopônimos, 2 morfotopônimos e 1 hidrotopônimo, totalizando 8 bairros). Ou seja, o homem está predominando no ambiente.

É interessante notar também que quase 50% dos bairros estão relacionados às categorias que abrangem nomes de origem religiosa: Hagiotopônimos (nomes de santos e santas) e Hierotopônimos (nomes sagrados de diferentes crenças). O bairro mais antigo da cidade é um hierotopônimo: Dos Cristos. Esta é uma informação que pode estar relacionada ao fato da cidade ser muito religiosa. A população de Pompéu ainda tem costumes que em outras cidades se encontram em desuso, como: procissões na semana santa que deslocam um grande número de habitantes católicos de uma igreja a outra carregando o Cristo, velórios dentro de casa e procissões que vão das casas até o cemitério carregando os mortos.

No nome da cidade também há importantes dados históricos que não se perderam com o tempo. Pompéu é o sobrenome do primeiro morador da região. Algo que ocorreu em 1723 e ainda persiste em 2005.

Há na cidade grande referência à matriarca da região: Dona Joaquina do Pompéu. Algo que não foi citado no corpo do trabalho e que vale ser mencionado é o fato de que a principal rua da cidade carrega seu nome.

O trabalho não tem fim nas páginas aqui apresentadas. Já estão sendo recolhidas informações a respeito também da área rural da cidade que abrange topônimos como: Aterrado, Atoleiro, Buritizinho, Capoeira da Serra, Salobro, Laranjo, Esperança, Pindaíbas (árvore que deu nome ao local) entre outros nomes de fazendas. É interessante notar que entre as fazendas citadas, muitas têm nomes que se enquadram em categorias de origem de natureza física. Mas estes são dados que serão analisados posteriormente.

Referências

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

MACIEL, Gilson Dias (Colaborador). *Dona Joaquina de Pompéu*. Pompeu: [s.n.], [19--].

Revista Vida Industrial. Vol. 39, n. 11, nov. 1992.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a Fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, 2004.

A toponímia de Dores de Guanhães: história de um povo

Gilvan Mateus Soares

Introdução

O empreendimento de estudo de natureza toponímica mostra-se muito representativo, pois, por meio dele, podemos conhecer aspectos sócio-culturais, econômicos, políticos, religiosos de uma dada região, permitindo, também, resgatar dados dos núcleos humanos que a povoaram ou povoam e a atitude destes em relação a ela. Com base nisso, este trabalho consiste numa descrição e classificação dos topônimos do município de Dores de Guanhães referentes ao nome da cidade e às suas ruas, às regiões que a ele pertencem e às quais tivemos acesso e a alguns morros e voltas. Os dados que aqui se apresentam foram levantados por meio de pesquisa em livros que abordam a história de Dores e obtidos, em sua grande maioria, por meio de entrevistas, que foram gravadas com o consentimento prévio de cada informante, os quais estavam cientes de sua finalidade. A classificação que propomos baseia-se nos motivos taxionômicos propostos por DICK (1990), de acordo com SEABRA (2004). Assim sendo, primeiramente fazemos uma breve contextualização histórica de Dores de Guanhães, apresentando, em seguida, o estudo toponímico propriamente dito e as considerações finais.

Dores de Guanhães: breve história

O município de Dores de Guanhães, banhado pelo rio Guanhães, localiza-se na Bacia Hidrográfica do Rio Doce, região centro-leste de Minas Gerais. Fazendo limites com os municípios de Senhora do Porto, Guanhães, Braúnas, Joanésia, Ferros e Carmésia, dista 210 Km de Belo Horizonte.

Sua população, de acordo com o Censo 2000 – IBGE¹, é de 5380 habitantes, dos quais 1443 residem na zona urbana e 3937 se encontram na área rural. Destes 2707 são homens e 2673, mulheres.

A origem de Dores nos reporta a meados do séc. XVIII e início do séc. XIX. Sabemos que, solicitada pelos habitantes, a posse de uma sesmaria foi concedida em 1817. Em 1854, criou-se o distrito de paz na então Capelinha das Dores, pertencente, nesse período, ao município de Conceição do Mato Dentro. É criada, em 1870, a freguesia de Nossa Senhora das Dores que, com esse nome, passa a distrito. Desmembrase, em 1885, do município de Conceição e passa a pertencer ao município de Guanhães. Anos depois, tem seu nome mudado para Dores de Guanhães, vindo a se emancipar em 30 de dezembro de 1962.

Originada à época da exploração do ouro, Dores de Guanhães foi uma doação decretada por D. João VI e se caracterizou: pela presença de índios (guaianãs e botocudos); de estrangeiros, principalmente portugueses; por suas fazendas, engenhos, senhores e escravos; por seus jesuítas, ciganos, peões e tropeiros; por uma influência bandeirante; por garimpeiros, minas de ouro e pedras preciosas. Além disso, caracterizava-se pelas cantigas de roda, valsinhas, desafios, modinhas, batucada e marujada. De seu rico passado, apenas a Festa da Padroeira, levantamentos de bandeira, Festividades da Semana Santa, algumas fazendas e poucos casarões ainda sobrevivem.

A respeito de Dores, temos, em Barreto (1976:189-190), a seguinte passagem, trecho de um desafio:

“Eu cá não sei dizer do ano
se ele é bom, ou se ele é bissexto.
Mês de agosto ou de Maria;
Sei, porém, que o pai João VI.

¹<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31&paginaatual=1&uf=31&letra=D> - acessado em 20/11/2005.

deu pra a gente a sesmaria!
Só eu sei que o pai João VI
deu pra nós a sesmaria!”.

Já Coelho (1949: 16-17), nos diz que:

“Dores de Guanhões possui, em terra, o maior patrimônio de toda sua circunvizinhança.

Trata-se, como tantos me afirmam, de uma antiga e bem histórica doação, feita por D. João VI, quando ainda no Brasil, ao povo que viesse ou quisesse residir na aldeia que é hoje Dores de Guanhões.

Nunca pude ver, por mais que procure, o documento que trata dessa doação.

É condição rezada neste documento que se originasse, alli, uma Capelinha em nome de Senhora das Dores.

Dahi porque o arraial, em assumpto, antes chamava, em seu nome todo, Capelinha de Nossa Senhora das Dores de Guanhões.

Outra condição é a de que o citado terreno jamais poderia ser fechado, de occupante para occupante, sinão à medida de pequenos arranjos, para os que o quisessem cultivar.

O mais seria campo de pastagem, em commum.

Mas penso que a fundação da pobre aldeia em que nasci data-se mesmo deste acontecimento, terá a idade desse documento firmado por D. João, quando vivia ainda, aqui, no Brasil.

E o terreno, por êlle, então, doado, são duzentos alqueires de oitenta litros, em sementeira de milho, ou seja, nove milhões, setecentos e oitenta mil metros quadrados (9.680.000 m²), de terrenos úberes e de optimas águas, e alegres campinas, de que o povo passou logo a gozar.

(...)

Recordam-se de índios, que dahi nativos, os (...) botocudos.”

Os topônimos

Conforme dissemos na introdução, as informações que damos para cada topônimo foram levantadas em livros que abordam a história de Dores de Guanhões e obtidas, principalmente, por meio de entrevistas com S. J., E. F., H. S. A., J. A. S. N., A. R., M. G. C., M. A. B., M. C. N., C. A. R., W. A. B., L. G. A., A. N. R. S., J. A. A., V. B. D., J. S. N., H. A. F., M. J. T., R. P. S., M. L.V., E. A., D. R. C., L. G. A., E. M. P., M. J. T., V. O. A., H. V. S., M. A. R., W. F. C., I. J. A., M, R. E. F., J. R. A.

Cabe-nos dizer que, para efeitos de classificação, não se considerou o primeiro termo de cada topônimo, quando este

for composto, excetuando-se *Dores de Guanhões* e *Vila Esperança*.

Ficha do topônimo “Dores de Guanhões”

A.G.	humano / cidade.
Taxionomia	Dores: hagiopônimo. Guanhões:hidropônimo / etnotopônimo
Etimologia e explicação	Dores: dor + -es: “dor: lat. <i>dolor,oris</i> , dor física, sofrimento corporal, tormento , inquietação , ira, raiva, conexo com o v. lat. <i>dolere</i> , doer, sentir dor, sofrer (física e moralmente)”, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001: 1077). Segundo Machado (1984: 516.), “Dores. f. abrev. de Maria das Dores, uma das invocações da Virgem”. O nome Dores, então, é dado em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Dores. Guanhões: nome derivado de uma tribo indígena que habitava as margens do rio Guanhões, conhecida por “guaianã”, “guanã” ou “guanhanã”. De acordo com Leão (1967: 33), “guanhões deriva da palavra ‘guanhanans’ ou ‘guanhanãs’ posteriormente, foi corruptela, ‘guanhans’, ou melhor ‘guanhãs’, vindo, por fim o aportuguesamento com a introdução de um ‘e’ eufônico”. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959, apud Leão, 1967: 33), “os primeiros habitantes da região onde se acha o município (Guanhões) foram os índios Guanahans, de origem Tapuia e do grupo selvagem dos Caingangue de Minas”. Conforme Machado (1984: 749), “guanhãs: etn. Índios de Minas Gerais. Do tupi wa ãã , ‘aquele que corre’”.
Histórico	Arraial de Senhora das Dores, Senhora das Dores, Capela de Dores, Capelinha de Nossa Senhora das Dores de Guanhões, Capelinha de Nossa Senhora das Dores, Capelinha de Nossa Senhora das Dores do Distrito de Senhora do Porto, Distrito de Nossa Senhora das Dores, Freguesia de Nossa Senhora das Dores de Guanhões, Praça de Dores, Rua de Dores, Dores de Guanhões, Dores.
Contexto	segundo A. N. R. S., “minha cidade tem este nome de Dores

de Guanhões por um motivo muito importante: Dores, em homenagem à Mãe das Dores, padroeira de nossa cidade, que é Nossa Senhora das Dores; Guanhões, que é um termo derivado dos índios, é por causa do rio Guanhões que atravessa a nossa cidade”.

Praça, ruas, travessa e avenida

Antigamente, as ruas eram denominadas levando-se em conta a nascente e o curso do rio Guanhões. Assim, tínhamos: Rua de Baixo, Rua de Cima, Rua do Lado de Cá, Rua do Lado de Lá. Além dessas, havia a Rua Nova, a Rua do Brejo e, no centro do arraial, o Arraial de Dentro. Após a emancipação e com o advento da energia elétrica, tornou-se necessária a instalação de padrões, vindo a se denominar mais precisamente a praça, as ruas, a travessa e a avenida.

Praça Manoel Ferreira Campos. A.G.: humano / praça. TAXIONOMIA: antropotopônimo. HISTÓRICO: Largo da Matriz, Largo, Arraial de Dentro, Praça Manoel Ferreira Campos, Praça. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao pai do ex-prefeito Castro Alves, o senhor Manoel Ferreira Campos. Largo da Matriz ou Largo refere-se ao fato de se tratar de um local, hoje praça, que se situa defronte à Igreja Matriz. Em tempos de Arraial, essa região era denominada Arraial de Dentro, por sua localização central.

Rua Cassimiro de Abreu – A.G.: humano / rua. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: Rua de Cima (começo), Rua Cassimiro de Abreu. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao poeta Casimiro de Abreu.

Rua Presidente Kennedy – A.G.: humano / rua. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: Beco das Caveiras, Beco da Ponte, Rua Presidente Kennedy. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao ex-presidente dos Estados Unidos, Kennedy. “Beco das Caveiras” advém do fato de que havia, próximo a essa rua, um cemitério. O outro nome deve-se a uma ponte que existia no local que interligava as duas partes da cidade separadas pelo rio Guanhões.

Rua Castro Alves – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: fim do Arraial de Dentro e início da Rua de Baixo, Rua Castro Alves. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao poeta Castro Alves.

Rua Santa Cecília – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: hagiotopônimo. HISTÓRICO: Rua do Brejo, Rua Santa Cecília, Rua Nova. EXPLICAÇÃO: em homenagem a Santa Cecília. Havia uma senhora chamada Cecília que, além de moradora, era dona do local. Segundo S. J., Cecília nascera no dia de Santa Cecília. Conseqüentemente, a rua recebeu esse nome. Em relação aos outros nomes, Rua do Brejo deve-se ao fato que o local era um terreno bem alagadiço. Já Rua Nova é porque o início da Rua Santa Cecília fazia parte da antiga Rua Nova que, com o tempo, perde essa denominação.

Rua Dona Antoninha – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: antropotopônimo. HISTÓRICO: Rua Dona Antonina, Rua Dona Antoninha, Grota da Égua. EXPLICAÇÃO: em homenagem a uma senhora que morava no início da rua. Grota da Égua deve-se ao fato de ter morrido, no local, uma égua.

Rua Voluntários da Pátria – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: Rua do Outro Lado, Rua do Lado de Lá, Rua Doutro Lado, Doutro Lado, Rua Voluntários da Pátria. EXPLICAÇÃO: em homenagem aos Voluntários da Pátria. Os outros nomes referem-se à posição geográfica da rua em relação ao centro da cidade e à nascente e ao curso rio Guanhões.

Rua Tiradentes – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: Rua Nova, Rua Tiradentes. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao Alferes da Inconfidência, Tiradentes. Rua Nova porque foi uma das últimas ruas a serem construídas, ainda no tempo de arraial.

Rua da Caixa D’água – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: ergotopônimo. HISTÓRICO: Rua da Caixa D’água, Caixa D’água.

EXPLICAÇÃO: no local se localizava a rede de abastecimento de água da cidade.

Rua Olaria – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: sociotopônimo. HISTÓRICO: Rua de Cima, Olaria. EXPLICAÇÃO: recebeu este nome porque havia, em grande escala, fabricação de tijolos. Rua de Cima devido à sua localização geográfica em relação ao centro da cidade e à nascente e ao curso do rio Guanhães.

Rua Nossa Senhora das Dores – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: hagiotopônimo. HISTÓRICO: Rua do Outro Lado, Rua do Lado de Lá, Rua Doutro Lado, Doutro Lado, Rua Nossa Senhora das Dores. EXPLICAÇÃO: em homenagem à padroeira da cidade Nossa Senhora das Dores. Os outros nomes referem-se à posição geográfica da rua em relação ao centro da cidade e à nascente e ao curso do rio Guanhães.

Rua do Rosário – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: hagiotopônimo. HISTÓRICO: Rua de Baixo, Rua do Rosário. EXPLICAÇÃO: rua em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e na qual se ergueu uma igrejinha. Rua de Baixo, antigamente, por sua localização geográfica em relação ao centro da cidade e à nascente e ao curso do rio Guanhães.

Rua do Estreito – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: dimensiotopônimo. HISTÓRICO: Rua do Estreito, Estreito. EXPLICAÇÃO: ao fato de que se constituía, antigamente, numa trilha, num local muito estreito, apertado.

Rua do Barreiro – A.G: humano / rua. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Rua do Barreiro, Barreiro. EXPLICAÇÃO: local do qual as pessoas extraíam barro para barrer as casas, para a fabricação de potes, maringas e panelas de barro.

Travessa Bias Fortes.– A.G: humano/travessa. TAXIONOMIA: historiotopônimo. HISTÓRICO: Travessa Bias Fortes, Ponte. EXPLICAÇÃO: em homenagem ao ex-governador de Minas Gerais, Bias Fortes. Rua das mais novas. Com a destruição da antiga ponte, situada à rua Presidente Kennedy,

veio a ser construída um novo acesso à outra parte da cidade, a qual denominaram Travessa Bias Fortes. Ponte, por causa da enorme ponte que há no local.

Avenida Limoeiro – A.G: humano / avenida. TAXIONOMIA: hodotopônimo. HISTÓRICO: Pasto da Santa, Campo da Santa, Campo Santo, Campo, Avenida Limoeiro. EXPLICAÇÃO: é assim denominada a avenida que dá acesso a um distrito de Dores chamado Limoeiro, do qual vieram inúmeros moradores para essa avenida. Pasto da Santa, Campo da Santa ou Campo Santo deve-se ao fato de essa porção de terra, quando a sesmaria fora concedida, ter sido doada à padroeira da cidade. Campo, por sua vez, é porque a vegetação do local se consistia numa vegetação de gramíneas rasteiras.

Morros e voltas

Nesta seção, damos uma explicação de alguns morros e voltas.

Morro da Pingueira – A. G.: físico / morro. TAXIONOMIA: fitotopônimo. HISTÓRICO: Alto da Pingueira, Serra da Pingueira, Morro da Pingueira. EXPLICAÇÃO: no local, há (havia) uma árvore, chamada “aloevaeiro”, que, principalmente no mês de agosto, está(va) sempre a pingar.

Morro do Cemitério – A.G: físico / morro. TAXIONOMIA: hodotopônimo. HISTÓRICO: Rua da Morada, Alto do Cemitério, Morro do Cemitério. EXPLICAÇÃO: morro que dá acesso ao cemitério. Rua da Morada deve-se ao fato de o local ser “a morada dos mortos”.

Morro do Batistão – A.G: físico / morro. TAXIONOMIA: antropotopônimo. HISTÓRICO: Serra do Batista, Alto do Batista, Alto do Batistão, Serra ou Morro do Batistão, Batistão. EXPLICAÇÃO: por ser um terreno que pertencia a um senhor de sobrenome Batista. Diz-nos J. H. Pinto Coelho, em *Menino da Roça* (p 12.), que “a Serra do Batista, de onde descem todas estas pequeninas correntes d’água, é para mim, um dos

pontos mais deliciosos, mais pitorescos, mais poéticos de Dores de Guanhões”.

Volta do Moquém – A.G: físico / volta. TAXIONOMIA: animotopônimo. HISTÓRICO: Volta do Moquém, Volta do Muquém, Moquém, Muquém. EXPLICAÇÃO: era um local no qual antigamente era comum o “muquear”, ou seja, matar.

Volta do Pacau – A.G: físico / volta. TAXIONOMIA: animotopônimo. HISTÓRICO: Volta do Pacau, Pacau. EXPLICAÇÃO: caracterizava-se, antigamente, como um “pacau”, isto é, local de muita briga, confusão.

Distritos de Dores de Guanhões

Apresentamos, aqui, explicações para os nomes dos povoados que pertencem ao município de Dores de Guanhões aos quais tivemos acesso e dos quais obtivemos informações, deixando claro que para alguns foi encontrada mais de uma explicação.

Areias – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: antropotopônimo / litotopônimo. HISTÓRICO: Córrego das Areias, Corgo das Areias, Areias. EXPLICAÇÃO: 1 - por causa de um dos moradores do vilarejo cujo sobrenome era “Areias”. 2 - por ser o solo do local muito arenoso.

Peão – A.G: humano / vilarejo, TAXIONOMIA: etnotopônimo / ergotopônimo. HISTÓRICO: Córrego do Peão, Corgo do Peão, Peão. EXPLICAÇÃO: para a primeira taxionomia, deve-se ao fato de que, no local, havia, em períodos passados, vários peões, ou seja, amansadores de animais. Para a segunda, porque as pessoas, principalmente aos domingos, brincavam com um peãozinho de madeira.

Taquaral – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: fitotopônimo. HISTÓRICO: Taquaral. EXPLICAÇÃO: havia no local, principalmente nos altos das serras, extenso aglomerado de taquaras.

Vila Esperança – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: poliotopônimo, dirrematopônimo e/ou animotopônimo. HISTÓRICO: Grama, Jacu, Jacu de Dores, Divino do Jacu, Povoado do Jacu, Vila Esperança, Vila. EXPLICAÇÃO:

considerando as suas características geográficas em relação à cidade de Dores e ao restante do município, tem esse nome porque um padre, já falecido, sugeriu-o, dentre outros, porque tinha a “esperança” de que o local crescesse e se tornasse uma cidade. Grama deve-se ao fato de que era um local em que havia extensa vegetação gramínea, até hoje encontrada, embora em menor proporção. Para Jacu temos duas versões: 1 - porque havia, na região, muitas aves chamadas “jacu”; 2 - sobrenome de antigo morador do local. Divino, porque o lugar tem como “padroeiro” o Divino Espírito Santo.

Itimirim – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: zootopônimo. HISTÓRICO: Itimirim, Timirim. EXPLICAÇÃO: havia, no local, antigamente e em enorme quantidade, uma espécie de abelha indígena, sem ferrão, chamada Itimirim.

Guarda – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: DICK não nos apresenta um termo que possa expressar o que denota “Guarda”. Histórico: Guarda de Baixo, Guarda de Cima, Guarda. EXPLICAÇÃO: temos, para esse topônimo, no mínimo duas versões: 1 - algumas pessoas, após confusões em Dores, refugiaram-se (ou iam se refugiar constantemente) nesse local; 2 - muito tempo atrás, após a morte de uma moça, resolve-se colocar guardas para proteger o local. O primeiro local a ter guarnição foi a região mais baixa. Depois, guarneceu-se a região que ficava mais acima. Então, veio, primeiramente, a Guarda de Baixo e, depois, a Guarda de Cima.

Caraça – A.G: humano e físico / vilarejo e pedra. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Caraça (o vilarejo); Serra do Caraça, Pedra do Caraça. EXPLICAÇÃO: a serra ou pedra recebe esse nome porque há, no local, uma pedra enorme, lembrando-nos o formato de uma “cara grande”. Conseqüentemente, o vilarejo acabou sendo denominado Caraça.

Bocão – A.G: humano e físico / vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Fazenda do Bocão, Bocão.

EXPLICAÇÃO: devido à sua formação topográfica. É um vilarejo que se encontra rodeado por montanhas e, tratando-se de um lugar cuja entrada é apertada, abre-se num vale muito extenso, o que nos lembra o formato de uma “boca grande”.

Bocaina – A.G: humano e físico / vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Bocaina. EXPLICAÇÃO: devido à sua formação topográfica. É um vilarejo que se encontra rodeado por montanhas, cuja entrada é apertada e, depois, abre-se num vale muito extenso, o que nos lembra o formato de uma “boca grande”.

Babilônia – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: corotopônimo. HISTÓRICO: Baixada dos Alves e Baixada do Vaga-lume, Babilônia. EXPLICAÇÃO: nome que, herdado de tempos por demais passados, cujos personagens já se encontram falecidos, faz referência à antiga Babilônia pérsia. Baixada dos Alves porque, na localidade, apenas moram(vam) pessoas da família Alves; Baixada do Vaga-lume, pela quantidade de vaga-lumes que lá aparece (ia).

Sacramento – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: hierotopônimo. HISTÓRICO: Sacramento. EXPLICAÇÃO: as terras do Sacramento são de extrema qualidade. Seu nome nos reporta ao tempo em que nas terras dorenses se faziam presentes índios, escravos e jesuítas. Estes, vindo para catequizar aqueles e ensinar-lhes a melhor maneira do plantio, colheita e armazenagem do alimento, ficaram maravilhados com a qualidade da terra, muito fértil, na qual a cultura se desenvolvia de forma relativamente fácil e ímpar. Os jesuítas, então, consideraram a terra “sacramentada por Deus”, com todos os sacramentos, isto é, sem faltar nada, de excelente qualidade, privilegiada.

Córrego dos Ferros – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: litotopônimo. HISTÓRICO: Córrego dos Ferros. EXPLICAÇÃO: por ser uma região rica em minério de ferro.

Bela Vista – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: animotopônimo. HISTÓRICO: Mutuca, Bela Vista. EXPLICAÇÃO:

devido à visão panorâmica que nos proporciona, ou seja, é um lugar aberto, bonito, uma bela vista. Mutuca devido a um tipo de inseto que há (havia) em grande quantidade na região.

Boa Vista – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: animotopônimo. HISTÓRICO: Boa Vista. EXPLICAÇÃO: trata-se de um lugar muito aberto que nos proporciona uma visão bem panorâmica.

Tatu – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: zootopônimo. HISTÓRICO: Barra do Tatu, Tatu. EXPLICAÇÃO: trata-se de um local em que, antigamente, havia muito tatu, mamífero desdentado. Era, conseqüentemente, um local privilegiado para a caça.

Rochedo – A.G: humano e físico / vilarejo e pedras. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Rochedo. Contexto: Rochedo é porque há no local, dos dois lados de um ribeirão que o corta, verdadeiro rochedo.

Limoeiro – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: fitotopônimo. HISTÓRICO: Fazenda Limoeiro, Limoeiro. EXPLICAÇÃO: local em que se produzia muita lima e limão.

Macaquinhos – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: zootopônimo. HISTÓRICO: Macaquinhos, Macaquinho. EXPLICAÇÃO: em relação a outros locais, havia muitos macaquinhos, mais precisamente soins-de-cara-branca.

Lagoa – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: hidrotopônimo. HISTÓRICO: Lagoa. EXPLICAÇÃO: trata-se de um lugar plano no qual havia, pelo menos, uma lagoa grande, em que existiam jacarés-de-papo-amarelo, muito bravos em tempo de reprodução.

Sucavão – A.G: humano/ vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Sucavão. EXPLICAÇÃO: 1 – por ser um local “engatilhado”, isto é, um lugar retirado rodeado por montanhas, um vale fundo, um socavão; 2 – por haver uma grande socava no local.

Sofocó – A.G: humano/ vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo/animotopônimo. HISTÓRICO: Sofocó.

EXPLICAÇÃO: trata-se de um lugar “sufocado”, ou seja, uma grota que é rodeada por montanhas bem arborizadas em que a entrada é a saída, sendo, assim, um local “apertado”, dando a idéia de um “sufoco”.

Funil – A.G: físico - determinado ponto do curso do rio / humano – vilarejo. TAXIONOMIA: morfotopônimo. HISTÓRICO: Funil. EXPLICAÇÃO: o rio Guanhães, em determinado ponto de seu curso, fica meio que “represado”, parecendo uma lagoa. O curso da água, então, encanaliza-se numa grota de pedra, vindo a aparecer metros depois. Esse percurso do rio lembramos, pois, o formato de um funil.

Berto – A. G.: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: antropotopônimo. HISTÓRICO: Córrego do Berto, Berto. EXPLICAÇÃO: trata-se da redução de Roberto, sobrenome de um fazendeiro ex-proprietário das terras, já falecido.

Serra dos Cardosos – A.G: físico – serra / humano – vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Serra dos Cardosos. EXPLICAÇÃO: recebe esse nome por ter sido uma região na qual moravam membros de uma família de sobrenome Cardoso, constituindo os Cardosos.

Córrego Alto – A.G: físico – córrego/ humano – vilarejo. TAXIONOMIA: dimensiotopônimo. HISTÓRICO: Córrego Alto. EXPLICAÇÃO: a nascente desse córrego encontra-se num lugar de elevada altitude.

Praia – A.G: físico – praia / humano – vilarejo. TAXIONOMIA: litotopônimo. HISTÓRICO: Praia. EXPLICAÇÃO: antigamente, o nível de água do rio Guanhães era extremamente volumoso. Raros eram os locais em que se podia atravessar a pé, assim como aqueles em que se formavam verdadeiras praias. Esse local chamado “Praia”, no entanto, diferenciava-se pela constante formação de praias.

Grota do Caixeiro/ Cacheiro – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: zootopônimo / outra classificação, para qual não há, em DICK, termo classificatório apropriado. HISTÓRICO: Grota do Caixeiro/Cacheiro. EXPLICAÇÃO: recebe esse nome a

grota que se caracterizava por ser um: 1 – lugar em que havia muito ouriço-cacheiro; 2 – local em que havia muitas pessoas batedoras de caixa.

Bom Retiro – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: litotopônimo / animotopônimo. HISTÓRICO: Bom Retiro. EXPLICAÇÃO: tem esse nome o lugar cujas terras, planas, são muito boas, sendo, por conseguinte, lugar bom para pastagem e plantio, além de ser um local muito bonito.

Serrinha – A.G: humano / vilarejo. TAXIONOMIA: geomorfotopônimo. HISTÓRICO: Serrinha. EXPLICAÇÃO: por causa das inúmeras serras pequenas que compõe o relevo do local.

Sociedade – A.G: humano / fazenda. TAXIONOMIA: sociotopônimo. HISTÓRICO: Fazenda Sociedade, Sociedade. EXPLICAÇÃO: houve, no local, uma sociedade beneficente que assistenciava meninos carentes, de rua.

Oca – A.G: humano / fazenda. TAXIONOMIA: litotopônimo. HISTÓRICO: Fazenda da Oca, Oca. EXPLICAÇÃO: havia (há) no local muita oca, argila.

Palavras finais

“Amo Dores de Guanhães. Ela está no meu coração como a melodia de uma canção.” ALMIRA NUNES

“O conhecimento é um tesouro, mas a prática é a chave para obtê-lo.” THOMAS FULLER

Não pretendemos, com este trabalho, fazer afirmações categóricas acerca dos fatos que envolvem cada topônimo aqui apresentado. Outros topônimos e/ou outras versões para os que aqui estão deve haver. Tratou-se, antes, de uma tentativa de descrição dos topônimos de Dores de Guanhães e que teve por base dados obtidos por meio de entrevistas e leitura de livros. Possibilitou-nos adentrar num passado até então desconhecido, permitindo-nos, assim, ter um saber sobre a história e a cultura de Dores. Ficam, aqui, os agradecimentos a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização do que aqui foi exposto.

Referências:

BARRETO, Benito. *Cafaia*. 1ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

_____. *Mutirão para matar*. Belo Horizonte: Interlivros, 1974.

_____. *Capela dos homens*. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

CENSO 2000 – IBGE. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31&paginaatual=1&uf=31&letra=D>
> - acessado em 20/11/2005.

COELHO, J. H. Pinto. *Menino da roça*. São Paulo: [s.n.], 1949.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANUÁRIO, Sebastião. *Documento histórico de Dores de Guanhões*. Dores de Guanhões 2004-2005. (no prelo).

LEÃO, I. Soares. *Notas históricas sobre Guanhões*. Belo Horizonte: [s.n.], 1967. MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1984.

1º CENSO CULTURAL DE MINAS GERAIS. Guia da Região do Rio Doce. Secretaria de Estado de Minas Gerais, 1995, p. 61-63.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo. Tese de Doutorado. FALE/UFMG, 2004.

Estudo da Toponímia do município de Crucilândia – MG

Cynthia Elias de Leles Vilaça
Dilene Vilaça Zaidan

Com base nos estudos sobre o léxico, conjunto de palavras de uma língua responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade², foi realizada a pesquisa que será apresentada nas próximas páginas. No município de Crucilândia, situado em uma região de transição entre a Zona Metalúrgica e Campo das Vertentes³, foi realizado levantamento dos topônimos existentes no perímetro urbano, sua classificação taxonômica e posterior análise estatística da qual se pôde inferir as motivações determinantes na formação histórico-cultural desse município.

Entre os variados temas que aqui poderiam ter sido abordados, foi escolhida a *Toponímia* (parte da Onomástica que investiga o estudo do léxico toponímico – análise da motivação dos nomes próprios de lugares). Tal escolha foi baseada na importância de se conhecer a origem do nome dos lugares que de alguma forma abrigaram os que nos antecederam. Saber a origem dos nomes desses lugares é uma maneira de resgatar a identidade cultural de um povo ou de uma comunidade: entender como eram esses lugares anteriormente, quem eram as primeiras pessoas que neles chegaram, o que as trazia e como concebiam o mundo ao seu redor. Dessa forma, podemos justificar a escolha de Crucilândia, cidade de origem dos ascendentes das autoras.

O presente trabalho teve, portanto, o objetivo geral de contribuir com os estudos lingüístico-histórico-culturais de Minas Gerais, uma vez que intentou-se compreender as influências culturais determinantes na constituição da região de Crucilândia a partir a partir dos nomes de logradouros existentes dentro do perímetro urbano dessa cidade.

Inicialmente foi realizada uma listagem exaustiva dos topônimos presentes no perímetro urbano do município. Em seguida, esses foram classificados taxonomicamente de acordo com as 27 taxes propostas por DICK (1990). Foram também mencionados: a origem, o histórico e algumas informações enciclopédicas, quando encontrados.

Posteriormente, calculou-se o percentual das taxonomias encontradas com o objetivo de identificar as motivações mais frequentes.

A seguir há um breve histórico do município de Crucilândia, no qual são também mencionados os topônimos que a cidade já teve desde a sua formação. Após o histórico, constam 28 fichas lexicográficas⁴ (organizadas alfabeticamente), incluída a do próprio topônimo “Crucilândia”, as quais contêm as informações mencionadas no parágrafo anterior, que foram, por sua vez, coletadas pelas autoras da presente pesquisa no primeiro semestre letivo de 2005.

Histórico da cidade

Há duas diferentes versões sobre o surgimento do município de Crucilândia. A primeira afirma que, em 1674, a Bandeira de Fernão Dias Paes Leme, ao transpor a Serra da Mantiqueira e após fundar alguns vilarejos nessa região, passou por Bonfim. Neste momento da história, dois portugueses procedentes de Alcobaca afastaram-se da Bandeira para seguir às margens de um ribeirão de águas muito límpidas em busca de ouro.

² Biderman, M. T.C. *Teoria Lingüística. Lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978

³ Este município está inserido na unidade Planaltos Dissecados do Centro-sul e do Leste de Minas Gerais (CETEC – 1983). Sua área é de 172 Km².

⁴ De acordo com SEABRA (2004), as *fichas lexicográficas* podem ser descritas como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo.

Posteriormente, se alojaram às margens do rio e lá fixaram suas residências. O local foi chamado de "Águas claras" e depois, quando nesse construíram uma cruz, de "Santa Cruz das Águas Claras".

Uma segunda versão conta que, no início do século XIX, dois integrantes de uma Bandeira que ia do Sul do país em direção aos sertões de Goiás, se desligaram dessa por estarem atraídos pela beleza de um ribeirão de águas muito claras, onde procurariam ouro. Assim, às margens de tal ribeirão tais portugueses fundaram um pequeno povoado que teria sido nomeado primeiramente de "Campo das Flores". Nos anos seguintes e, popularmente, o local era chamado de "Gambás" devido ao apelido pejorativo dado aos portugueses fundadores, que consumiam bebidas alcoólicas em grande quantidade. Com o passar do tempo, o pequeno povoado, onde só havia 7 casas, teria sido elevado a Distrito de Paz pertencente ao município de Bonfim, e logo, em 30 de novembro de 1880, nomeado "Santa Cruz das Águas Claras".

Entretanto, em 27 de setembro de 1910, seu nome foi substituído por "Santa Cruz de Dom Silvério". Era uma homenagem à Dom Silvério, um sacerdote nascido em Congonhas do Campo - MG que estava no local em uma visita pastoral quando recebeu a notícia de que tinha sido elevado a Bispo da Diocese de Mariana - MG. Tal topônimo reduziu-se a simplesmente "Dom Silvério" em 7 de Setembro de 1923 devido a uma lei estadual. Em 17 de dezembro de 1938, foi novamente alterado para "Dom Silvério do Bonfim" para diferenciar o distrito de um homônimo também localizado em MG. Finalmente, quando se tornou vila, em 31 de dezembro de 1943, o distrito passou a se chamar "Crucilândia" que quer dizer "Terra da Cruz" (topônimo híbrido latino-alemão: cruci - cruz; lândia - terra). Entre alguns outros, esse nome foi escolhido para restaurar o antigo nome "Santa Cruz" e porque é Santa Cruz a padroeira do local. A instalação oficial do

município de Crucilândia que ocorreu em 1º de janeiro de 1949.

Lista de abreviaturas

ADJpl	adjetivo plural
ADJsing	adjetivo singular
Asing	artigo singular
cf.	confira
Lat.	latim
NCf	nome composto feminino
NCm	nome composto masculino
n/e	não encontrado/a
Nf	nome feminino
Nm	nome masculino
n/a.	não se aplica
Prep	preposição
Pron	pronome
Qv	qualificativo
Spl	substantivo plural
Ssing	substantivo singular

Fichas lexicográficas

Rua Afonso Egydio de Souza – AG: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Egydio: grega/Souza apelido freqüente no Brasil. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing + Prep + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Denominação homenageando o empresário crucilandense, fundador da 'Empresa de Transportes Minas-Goiás', em Belo Horizonte. (ABRITTA, p.141)

Rua Aprígio Penido – A.G.: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Penido: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing]. HISTÓRICO: n/e INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Nome homenageando o primeiro Escrivão Oficial da localidade. (ABRITTA, p.139)

Rua Artur Vilaça – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Vilaça: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome é em homenagem a um filho de Crucilândia, que foi banqueiro e fundou a primeira Agência Bancária de Crucilândia. (ABRITTA, p.140)

Rua Capitão Ernesto – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural / axiotopônimo – antropotopônimo. ORIGEM: Ernesto: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Este nome é uma homenagem ao Capitão Ernesto Ferreira da Cunha, antigo Capitão da Guarda Nacional. (ABRITTA, p.138-139)

Rua Cezário Parreiras – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Parreiras: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome é em homenagem ao pai do ex-prefeito José de Souza Parreiras. (ABRITTA, p.139)

Avenida Coronel Parreiras – A.G: Humano/avenida. TAXONOMIA: Antropocultural/axiotopônimo – antropotopônimo. ORIGEM: Parreiras: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Spl]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Este nome foi dado a avenida para homenagear a dois Parreiras antigos: *Col. Antônio Alves Parreiras* e a seu filho *Col. Antônio de Souza Parreiras* (Antoniquinho). (ABRITTA, p. 138)

Rua Córrego do Fubá – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/hodotopônimo. ORIGEM: n/e. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Prep + Asing + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dá acesso a uma área da cidade denominada 'Córrego do Fubá' (afluente do ribeirão das Águas Claras, na periferia norte da cidade). (ABRITTA, p.141-142)

Crucilândia – A.G: Humano/cidade. TAXONOMIA: Antropocultural / corotopônimo. ORIGEM: Topônimo híbrido latino-alemão: *cruci* = cruz /*lândia* = terra. ESTRUTURA

MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]. HISTÓRICO: Santa Cruz das Águas Claras > Santa Cruz de Dom Silvério > Dom Silvério > Dom Silvério do Bonfim > Crucilândia. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Em Belo Horizonte há uma rua denominada *Crucilândia*. Essa rua fica no Parque Leblon. No bairro Santa Efigênia, também em Belo Horizonte, houve uma rua com esse nome. (ABRITTA, p.174)

Praça do Cruzeiro – A.G: Humano/prança. TAXONOMIA: Antropocultural/hierotopônimo. ORIGEM: Lat. *crux, crùcis* / -*árius, a* sufixo lat. formador de adjetivos. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Esta praça possui um Cruzeiro antigo e a gruta de N. Sra. de Lourdes. (ABRITTA, p.137)

Praça Dom Silvério – A.G: Humano/prança. TAXONOMIA: Antropocultural/hierotopônimo. ORIGEM: latim. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dom Silvério Gomes Pimenta nasceu em Congonhas e se ordenou no Seminário de Mariana (MG). Em 1909, este sacerdote se encontrava em Santa Cruz das Águas Claras, em visita pastoral, quando recebeu a notícia, oficialmente, que havia sido elevado a Bispo de Mariana. Em 1910, pelo Decreto-Lei nº 543, no dia 27 de setembro de 1910, Santa Cruz das Águas Claras recebe seu primeiro nome oficial, em homenagem ao novo Bispo: 'Santa Cruz de Dom Silvério'. (ABRITTA, p.98)

Rua Dona Maria Parreiras Maciel – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Parreiras: portuguesa/ Maciel: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Qv + Spl + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome da rua é uma homenagem a uma das primeiras professoras do lugar, D. Mariquinhas. (ABRITTA, p.141)

Avenida Ernesto Antunes da Cunha – A.G: Humano/avenida. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Antunes: portuguesa / Cunha:

portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing + Prep + Asing + Ssing]. HISTÓRICO: Cedro > Getúlio Vargas > Ernesto da Cunha. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Antiga rua do Cedro, por motivo da existência de uma grande árvore de cedro no pátio da residência do Sr. Antônio da Costa (Sr. Negucho). Depois, durante vários anos, chamou-se Av. Getúlio Vargas, recentemente foi cognominada Av. Ernesto da Cunha, em homenagem a um ex-prefeito de Crucilândia, falecido recentemente. (ABRITTA, p.138)

Rua do Expedicionário – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: francês *expeditionnaire*. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Este nome é em homenagem ao único pracinha de Crucilândia da FEB, Antônio Bernardes de Souza, que voltou à sua terra após o término da Guerra (1945). Antônio residia nesta rua. (ABRITTA, p.140)

Rua Gabriel Passos – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Passos: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Spl]. HISTÓRICO: João Pessoa > Gabriel Passos. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome Gabriel Passos é a homenagem do povo ao progenitor do Deputado Celso Passos, que ajudou muito na instalação da CEMIG em Crucilândia. (ABRITTA, p.138)

Rua Jacinto de Souza Parreiras – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Souza: apelido freqüente no Brasil / Parreiras: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Prep + Ssing + Spl]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Este nome é uma homenagem ao pai do Padre João Parreiras Vilaça. (ABRITTA, p.139-140)

Praça Jovelino de Souza Parreiras – A.G: Humano/prança. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Souza: apelido freqüente no Brasil / Parreiras: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Prep + Ssing + Spl]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Nesta praça ficava a antiga residência do Sr. *Jovelino de Souza Parreiras*. (ABRITTA, p.137),

Rua Juvenal Cordeiro – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Cordeiro: portuguesa. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: O nome é uma homenagem a um antigo morador da rua. (ABRITTA, p.141)

Rua Minas Gerais – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/corotopônimo. ORIGEM: Lat./português. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Spl + ADJpl]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Trata-se do nome do estado da federação brasileira integrado pelo município de Crucilândia.

Rua Nossa Senhora de Lourdes – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/hagiotopônimo. ORIGEM: Latim Francês. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Pron + Ssing + Prep + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Nesta rua fica a 'Gruta de Nossa Senhora de Lourdes'. (ABRITTA, p.140)

Rua Nova – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/cronotopônimo. ORIGEM: lat. *nòvus,a,um*. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [ADJsing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Rua aberta recentemente. (ABRITTA, p. 141)

Rua Padre Eustáquio – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/axiotopônimo. ORIGEM: n/e. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Seu nome é uma homenagem ao Padre (Santo) holandês, que trabalhou e morreu em Belo Horizonte. (ABRITTA, p.139)

Rua Primavera – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/animotopônimo. ORIGEM: lat.clássico *primo vere* 'na primeira estação'. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Trata-se provavelmente de uma referência a estação do ano compreendida entre o inverno e o verão.

Rua Ronam Gumercindo de Souza – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/antropotopônimo. ORIGEM: Gumercindo: germânica, gótica / Souza: apelido freqüente no Brasil. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Ssing + Prep + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Este nome é em homenagem ao primeiro prefeito de Crucilândia. (ABRITTA, p. 140)

Rua Santo Antônio – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/hagiotopônimo. ORIGEM: Antônio: provavelmente de origem etrusca. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Homenagem a Santo Antônio (ABRITTA, p.139)

Rua São João – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/hagiotopônimo. ORIGEM: n/e. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Homenagem ao Santo do nome. (ABRITTA, p.141)

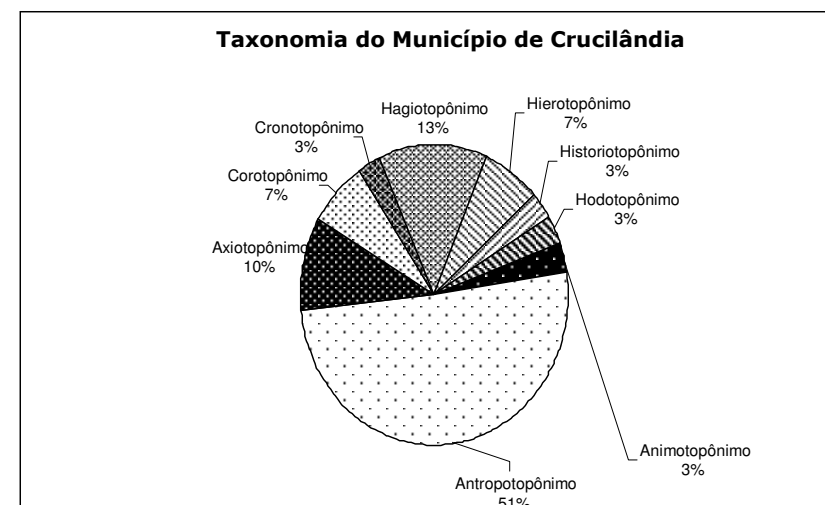
Rua São Sebastião – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/hagiotopônimo. ORIGEM: João: grega. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Qv + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Homenagem ao Santo do nome. (ABRITTA, p.141)

Rua Sete de Setembro – A.G: Humano/rua. TAXONOMIA: Antropocultural/historiotopônimo. ORIGEM: Latim. ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + Prep + Ssing]. HISTÓRICO: n/e. INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Provável referência a data cívica brasileira na qual é comemorada a Proclamação da Independência do Brasil.

Rua Teodoro França Parreiras – A.G: Humano/rua. Taxonomia: Antropocultural/antropotopônimo. Origem: França: portuguesa, indicativo de nacionalidade francesa / Parreiras: portuguesa. Estrutura Morfológica: Ncm [Ssing + Ssing + Sp]. Histórico: Rua da Ponte > Teodoro França Parreiras. Informações Enciclopédicas: Seu nome antigo: rua da Ponte, devido a uma ponte que existia no final da rua. Esta rua tem este nome em

homenagem a um antigo morador da rua, Sr. Teodoro França Parreiras (Sr. Durico). (ABRITTA, p.139)

Conclusão



Quantificadas as taxonomias dos 28 topônimos — considerando que dois desses apresentam duas classificações — pôde-se concluir, como mostra o gráfico (fig.2), que metade dos topônimos constantes no perímetro urbano do município de Crucilândia tiveram por motivação homenagear pessoas ou famílias que tiveram presença marcante em sua formação e atual constituição.

Em seguida constatou-se, como segunda maior porcentagem, nomes de santos e santas da Igreja Católica Romana, o que demonstra claramente a significativa influência dessa religião na formação do município de Crucilândia, e, portanto dos seus possíveis fundadores, que, como nos narrou ABRITTA (cf. História da cidade p.4), eram portugueses. Esse fato também pôde ser confirmado pela presença de apelidos de família de origem portuguesa em quase todos os antropotopônimos.

Espera-se que esta pesquisa tenha atingido o seu objetivo maior que era o de contribuir com os estudos culturais de nosso estado.

Referências

ABRITTA, Conceição Parreiras. *A história de Crucilândia*. Prefeitura Municipal de Crucilândia, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria Lingüística. Lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 1. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1984?

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Tese de doutorado. FALE/UFMG, 2004.

Português Brasileiro

Filomeno Issenguel

O Português é a língua majoritária e oficial do Brasil, derivada do latim. Sua história é interessante, principalmente quando colocada no contexto histórico do país. Tal como outras línguas, o português do Brasil tem sua história e relação com as diversas outras línguas que eram faladas no Brasil, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral e com as que vieram durante e depois da colonização.

O lingüista Aryon Rodrigues, do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, relata que quando o Brasil foi descoberto pelos portugueses, havia mais de 1000 línguas no país, faladas por índios de diversas etnias. As numerosas etnias da família Jê haviam migrado para o interior, e só conheceriam o contato com os colonizadores no final do século XVII. Outras, como a dos Aruak e dos Karib, permaneceriam isoladas por ainda mais tempo, especialmente as da Amazônia.

Colonização portuguesa

A colonização portuguesa começou gradativamente pelo litoral, a partir de 1532, com a instituição das capitanias hereditárias. Naqueles tempos, as diversas comunidades da família Tupi e Guarani habitavam o litoral brasileiro entre a Bahia e o Rio de Janeiro. Havia entre elas uma grande proximidade cultural e lingüística. A medida em que interagiam com os nativos, os portugueses foram aprendendo os dialetos e idiomas indígenas. Criou-se então, uma língua geral comum a todos, originada do tupinambá, que era a língua falada pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores. Tal língua foi estudada e documentada pelos jesuítas, com o objetivo de ajudar na catequização dos nativos

indígenas da região. Em 1595, o padre José de Anchieta a registrou em sua *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Essa língua geral derivada do tupinambá foi a primeira influência recebida pelo idioma dos portugueses no Brasil.

A língua portuguesa falada na América sofreu ainda grande influência das línguas dos negros africanos trazidos como escravos para o país. Com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar na capitania de São Vicente, correspondente a parte do atual estado de São Paulo, no Recôncavo Baiano e em Pernambuco, o tráfico de escravos trouxe novas culturas ao país. No século XVII, esta atividade se intensificou, espalhando-se por todas as regiões ocupadas pelos portugueses. Os escravos acabaram aprendendo o português, para se comunicar com os seus senhores. Em seus estudos, o lingüista Mattoso Camara Jr, em *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, afirma que, no Brasil, os escravos chegaram a desenvolver um português crioulo, tal como ocorreu nas colônias africanas. Os africanos se adaptaram à língua geral de origem indígena, mais falada entre os colonos.

Em 1694, padre Antonio Vieira escreveu um texto onde dizia que a língua que as famílias portuguesas falavam em São Paulo era a dos índios. Nesta época, os filhos dos paulistas aprendiam a língua comum nos bancos da escola. Desta forma, a língua foi se difundindo e suas diversas afluências foram sendo desenvolvidas pelo extenso território brasileiro.

Língua oficial

O português foi instituído como língua oficial brasileira pelo Marquês de Pombal, em decreto de 17 de agosto de 1758, quando se proibiu o uso da língua geral. Somente após dois séculos, sendo pouco usada se comparada com a presença da língua nativa, ainda majoritária, na segunda metade do século XVIII que ela começa a se tornar predominante. Isso se dá devido à exploração do interior pelos bandeirantes, iniciada no fim do século XVII, e à descoberta de minas de ouro e

diamante, que aumentou o número de imigrantes portugueses que chegaram ao Brasil em busca de riquezas.

No ano seguinte ao decreto de 1758, Pombal expulsou do país os jesuítas, que haviam catequizado os índios e produziram literatura em língua indígena.

A mutação que ocorreu com a língua portuguesa é comum, como as mudanças que outras línguas sofreram, porém tais mudanças ocorreram de maneira distinta no Brasil e em Portugal.

Influência africana

Os africanos deixaram marcantes influências importantes na cultura e na língua brasileira. Na culinária afro-brasileira têm-se o abará o acarajé e o vatapá; no candomblé, orixá, exú, oxossi, iansã são bons exemplos. O Kimbundu, língua falada em Angola, legou ao português, não apenas ao do Brasil, palavras como: caçula, cafuné, molambo e moleque. Termos que expressavam o modo de vida e as danças dos escravos, como senzala e samba, também se incorporaram ao nosso léxico.

Portanto, no português brasileiro evidencia-se grande quantidade de vocabulários africanos principalmente do kimbundu, língua falada em Angola, utilizadas no cotidiano afetivo e familiar, podendo muito melhor testemunhar o quanto se carrega na mente (e no sangue) do brasileiro uma herança africana.

Glossário de palavras do

Kimbundu no Português Brasileiro

Abreviaturas empregues neste glossário

Adj	Adjetivo
Br	Brasil
Fem	Feminino
Kimb	kimbundo
Masc	Masculino
Pl	Plural

Sing	Singular
V	Verbo
Zool	Zoologia

Português	Kimbundo	Tradução
Bamba	Mbamba	Sub e adj. 1. Bastão, vara, chicote; 2. Br. Valentão, desordeiro; 3. Autoridade em qualquer assunto, mestre.
Bobó	Mbombo	Sub, masc. 1. Br. Comida feita de uma variedade de feijão; 2. Kimb. Mandioca seca para a farinha.
Bunda	Mbunda	Sub, fem. Nádegas, assento. Matakó
Caçamba	Kisambu	Sub, fem. 1. Br. Tipo de veículo usado para a remoção de terra; 2. Kimb. Cesto grande.
Caçula	Kasula	Adj e sub. Filho último, derradeiro: monami ua.
Cacunda	Kakunda	Adj e sub. Corcovado. Giboso. Pessoa com costas arqueadas.
Cafuné	Kafune	Sub. Atos de coçar de leve a cabeça de alguém.
Calunga	Kalunga	Sub, masc. Mar, o fundo da terra, abismo.
Calombo	Kalômbó	Adj e sub. Infecundo, Estéril, Que não produz.
Camundongo	Kamundongo	Adj e sub. Rato pequeno.
Capanga	Kimbangala	Sub, masc. Guarda costas.
Capenga	Kimpenga	Adj, sing. Manco, cocho.
Carimbo	Karimbu	Sub. Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos.
Caruru	Kalulu	Sub, masc. Iguaria feita a base de quiabo cortado, folha de batata-doce picada, temperado com peixe seco, óleo de dendê, cebola, pimenta etc.
Catinga	Katinga	Sub, fem. Hircismo. Transpiração mal

		cheirosa.
Cochilar	Koxilar	v. cabecear com sono.
Cubata	Kibata	Sub, fem. Choupana, casebre, palhoça, casa.
Curinga	Kudinga	Sub. Pessoa esperta, certa figura do jogo de cartas com valor indeterminado.
Diamba	Riamba	Sub, fem. Nome uma palha usada
Farofa	Falofa	Sub. Farinha de mandioca molhada em água.
Jiló	Njilu	Sub, masc. Fruto do jiloeiro de sabor amargo.
Inhame	Nyame	Sub, masc. Nome de um tubérculo comido sob a forma de farinha, planta asparagínea.
Marimbondo	Marimbondo	Sub, pl, zool. Vespa.
Miçanga	Misanga	Sub, fem. Contas de vidros coloridas, próprias para colares, brincos.
Moleque	Muleke(a)	Sub, masc, fem. Menino, garoto, rapaz,
Muamba	Muamba	Sub. 1. Amendoim torrado e moído misturado no molho de peixe ou carne; 2. br. comércio de mercadoria ilícitas, contrabando.
Muqueca	Mukeka	Sub. Guisado de carne ou peixe com mandioca.
Quenga	Nkanga	Sub, fem, sing. Coisa imprestável, sem valor, prostituta.
Quilombo	Kilombo	Adj e sub. Povoação de escravos fugidos, aldeamento (aldeia).
Quitanda	Kitanda	Sub, fem. Vendas de verduras, frutas e outros vegetais comestíveis.
Senzala	Sanzala	Sub. Alojamento onde ficavam os escravos no Brasil.
Tanga	Ntanga	V. 1. Dizer, falar; 2. Pano que encobre as partes genitais. Sinónimo kuzuela.

Tutu	Kitutu	Sub, masc. 1. Fantasma com que se faz medo as crianças, frequente em acalantos e contos populares; 2. Feijão cozido engrossado com farinha, tocinho de porco e carne salgada.
Xingar	Xingar	Verbo. Insultar, ofender com palavras, injuriar.

Conclusão

Não restam dúvidas de que as línguas africanas contribuíram muito com o português brasileiro, principalmente no que diz respeito ao léxico. Espera-se continuar essa pesquisa nos próximos anos.

Referências

MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, Joaquim. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

RODRIGUES, Aryon. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*, v. 9, São Paulo, 1993.